

---

## **Educação Decolonial e a Multiplicidade de Saberes: Uma análise do Movimento Negro Educador<sup>1</sup>**

Dayana SOUZA<sup>2</sup>

Paula Trubat Santos SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **RESUMO**

O presente trabalho faz uma breve análise sobre a construção da educação colonial no Brasil e apresenta o ponto de vista de autores negros e indígenas sobre esse processo. Situando a branquitude como detentora histórica do poder, a pesquisa abaixo exemplifica a multiplicidade de saberes e o processo de educação decolonial através do Movimento Negro Educador.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação decolonial, multiplicidade de saberes, Movimento Negro Educador, branquitude;

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho consiste no resumo expandido do artigo "Educação Decolonial e a Multiplicidade de Saberes: Uma análise do Movimento Negro Educador" escrito por duas autoras, Dayana Souza e Paula Trubat Santos Silva, respectivamente doutoranda e mestranda do curso de Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Ambas autoras se reuniram para escrever a partir de suas inquietudes experienciadas no trajeto de suas vivências acadêmicas. Foi observado pelas autoras a constante repetição de obras oriundas da Europa, sobretudo de homens brancos.

### **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada no artigo foi uma revisão bibliográfica por meio de obras de intelectuais da área e busca por publicações em torno das questões de raça na construção de saberes no Brasil. Optamos, então, por explorarmos majoritariamente obras de autores negros e indígenas que se debruçam sobre essas temáticas. Logo, o critério utilizado foi a proximidade com o assunto.

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Mídia e Cotidiano da UFF, email: [contatodaysouza@gmail.com](mailto:contatodaysouza@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mídia e Cotidiano da UFF, email: [p.trubat@gmail.com](mailto:p.trubat@gmail.com)

---

A primeira parte do artigo apresenta um panorama sobre a construção social brasileira consequente do modelo colonial português. Para isso, são trabalhados autores negros e indígenas. Em "Ideias para adiar o fim do mundo", o pensador indígena Ailton Krenak faz um questionamento fundamental: "Somos todos uma humanidade?" (p.12, 2020). Através desta pergunta, Krenak questiona dois pontos fundamentais. O primeiro sobre a expressão "*uma* humanidade", que homogeniza todos os seres humanos. O segundo ponto questiona a noção de "humanidade". Tal questionamento representa o pensamento dicotômico de que existe uma espécie de seres vivos, os humanos, que estão deslocados do restante dos seres existentes na Terra. Unindo esses dois pensamentos em uma única e objetiva pergunta, Ailton Krenak coloca em questão que existe sim uma certa humanidade que vem se diferenciando dos demais seres vivos do planeta, mas essa humanidade não inclui nem mesmo todos os seres humanos.

Corroborando com o questionamento de Krenak e trazendo mais profundidade ao tema, Cida Bento apresenta em "O pacto da branquitude" (2022) a perpetuação do branco como o ser humano universal. A autora explica que a maioria das pessoas brancas no Brasil não associam sua própria história ao racismo do país. Dessa forma, Bento mostra que há um distanciamento psicológico e uma ausência do compromisso moral em relação aos grupos de pessoas excluídas. Assim, as pessoas brancas seguem por meio de um pacto não verbalizado defendendo suas estruturas de domínio sem permitir que os grupos sociais usufruam dos privilégios da branquitude. Instituições públicas e privadas, como as universidades, fazem parte desses espaços controlados por uma maioria branca.

A teoria apresentada por Cida Bento é fortalecida pelo trabalho "Descolonizando o saber" de Grada Kilomba (2016), que reflete sobre o modelo de educação colonial, que exclui e diminui outras formas de conhecimento. Exemplificando Kilomba, temos o artigo de Cacique Babau publicado no livro "Terra: Uma antologia afro-indígena" (2023). Cacique Babau mostra como o conhecimento ancestral indígena sobre o plantio é mais rentável e sustentável do que o conhecimento adquirido em universidades. Articulado ambos autores é possível compreender como o saber colonial e, sobretudo, branco exclui outros saberes à medida que só considera o modelo colonial como possível.

---

Na segunda parte deste trabalho, a proposta é abordarmos aspectos políticos sobre a ideia de intelectualidade pelo viés racial e produção de conhecimento na educação. Para isso recorreremos ao artigo "Intelectuais Negros e Produção Do Conhecimento: algumas Reflexões Sobre A Realidade Brasileira". Segundo a autora, o aumento de intelectuais negros no Brasil é oriundo das lutas do Movimento Negro Educador, o que, sobretudo, conduz seus trabalhos a um caminho ético antirracista que orienta seus estudos, produções e afins. Essa abordagem aponta para a ideia de que a presença dos grupos minorizados na academia ganha nuances de reivindicação da própria existência naquele espaço. Conectando-se a essa ideia, articularemos ao trabalho de Lélia González "O Movimento Negro Unificado: um novo estágio na mobilização política negra", com o intuito de aprofundarmos os cenários políticos que atravessam a vida acadêmica e até mesmo questionar o que é validado socialmente como intelectualidade.

## **DA EDUCAÇÃO COLONIAL À UNIVERSALIDADE DA BRANQUITUDE**

Durante a 3º edição do Festival LED<sup>4</sup>, realizado no dia 22 de junho de 2024, Ailton Krenak afirmou que os portugueses deram início às suas estruturas coloniais no Brasil criando três instituições: a delegacia, a prefeitura e a escola. Nesse contexto, as escolas brasileiras tinham o papel de dominação da população local, os indígenas originários. Para Krenak, a associação de escola à educação se fortaleceu ao longo do período da colonização em detrimento à criação de identidade, hereditariedade e herança ancestral. As ideias apresentadas por Krenak durante o Festival LED vão de encontro à relação do ser humano branco colonizador como o detentor do conhecimento defendida por Cida Bento.

O processo de educação brasileiro foi criado com base da ideia de mérito, construído a partir da noção equivocada de quem são os estudantes preparados para absorver determinado conhecimento. Seguindo essa proposta de mérito, os estudantes capazes de frequentar faculdades públicas, por exemplo, são aqueles que merecem, pois passaram por determinado sistema de avaliação. O problema com esse sistema, segundo Cida Bento, está no fato de que os brancos vem sendo historicamente considerados os

---

<sup>4</sup> Matéria: 'A educação acontece na hereditariedade', diz Ailton Krenak. Disponível em: <https://extra.globo.com/brasil/educacao/festival-led/noticia/2024/06/a-educacao-acontece-na-hereditariedade-diz-ailton-krenak.ghtml>

---

mais capazes, enquanto os negros e indígenas são considerados os mais incapazes. Porém, Bento afirma que a supremacia branca nessas organizações é usufruída por gerações, como se as ações de seus antepassados brancos não tivessem relação com os atos anti-humanitários cometidos no período colonial e escravocrata.

Através da doutrinação desde o princípio da educação de uma criança é possível formar adultos que pensem de forma homogênea e afastá-los de suas heranças ancestrais, conseqüentemente, dos saberes originários. É dessa forma que o sistema colonial português vem se mantendo ao longo de séculos. Segundo Grada Kilomba, a instalação do pensamento colonial levou as populações brancas a não se verem como brancas e sim como pessoas. A branquitude é sentida por um grupo social como a condição humana. E é a essa *humanidade* que Ailton Krenak se refere quando questiona sobre quem é o grupo de pessoas que pensa ter o domínio dos demais. Para Grada Kilomba, é justamente a certeza de universalidade que assegura a branquitude como uma idade que marca as outras raças.

Se a identidade branca marca as demais raças, o que esse grupo social acredita ser o conhecimento também faz essa marcação. À luz dessa realidade, Cacique Babau afirma que as nações indígenas carregam consigo um conhecimento de trato com a natureza que evita enchentes, mantém as águas limpas e as florestas em pé. Porém, seguem sendo considerados como um povo sem futuro ou entrave para o Brasil. Tal visão sobre os povos indígenas e quilombolas vem se perpetuando desde o período colonial, quando os portugueses chegaram com a ideia de trazer o desenvolvimento para a colônia portuguesa. Ao longo desses mais de cinco séculos, o conhecimento fundamentado no Brasil foi aquele trazido pelos portugueses e segue uma lógica feudalista, discriminando quem são os vassallos e quem são os senhores dessa terra. Diante dessa realidade, Cacique Babau afirma que o Brasil nunca teve uma universidade própria, brasileira, construída com base nos saberes ancestrais de povos indígenas e quilombolas.

## **MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR E A MULTIPLICIDADE DE SABERES**

O olhar eurocentrado aponta para uma sociedade em que o racismo é sofisticado. Na obra "Por um feminismo afro-latino-americano" (2020), a autora Lélia Gonzalez cita que, no Brasil, esse viés mais refinado passa pela ideia de democracia racial e se

fundamenta na crença de uma miscigenação "harmoniosa" que minimiza as práticas concretas e violências do racismo. Mas, apesar disso, as comunidades negras, principalmente através das mulheres em seus núcleos familiares, se organizaram de forma que seus saberes culturais fossem perpetuados e resistem, influenciando negros e brancos.

Historicamente, pessoas negras sempre enfrentaram grandes barreiras para estudar, inclusive no que diz respeito ao Ensino Superior. Quando falamos de intelectualidade negra no Brasil, nos deparamos com um cenário que começou a ser potencializado no final da década de 1970, com o Movimento Negro Unificado e ganhou força, de fato, já no fim da década de 1980, pós-constituição de 1988, com o impulsionamento do Movimento Negro Educador. Trataremos aqui intelectualidade negra como processo, a partir de um olhar para os entrecruzamentos políticos e culturais que envolvem a existência de pessoas negras, enquanto grupo racializado, no ambiente acadêmico.

A estudiosa Nilma Lino Gomes aponta para a ideia de que o "Movimento negro é um educador" (2010), reafirmando o teor e pertinência política desse movimento para a academia, mas, também para a educação e práticas educacionais emancipatórias que denunciam o racismo nas estruturas, mas também são pilares para o avanço de discussões sobre políticas públicas que potencializam a presença de sujeitos negros nas universidades e produções que extrapolem o olhar eurocêntrico comum a esses espaços. Neste cenário de luta, temos alguns marcos históricos, como o processo de redemocratização do Brasil e a Lei de Cotas, importantes para contextualizar o maior acesso de pessoas negras e outros grupos marginalizados à academia. Essas e outras iniciativas acabaram culminando em mais produções de pessoas negras e, a luta por emancipação do saber, fortaleceu-se também em lugar de disputa, de questionamento e anti-sistêmico. A presença dos sujeitos racializados nos espaços de saber atua como uma reconfiguração do que é considerado intelectualidade e reafirma a potência da pluralidade de conhecimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da construção do cenário educacional no Brasil, é fundamental considerar o posicionamento de Grada Kilomba sobre o processo de decolonizar o saber. Para a

---

autora, é necessário criar novas configurações de poder e conhecimento. Kilomba pontua a importância de lembrar que as teorias não são universais nem neutras, elas sempre estão localizadas em um local e foram escritas por uma pessoa com bagagem histórica de seu próprio contexto. Portanto, quando acadêmicos brancos insistem em afirmar um lugar de neutralidade, significa que essas pessoas não reconhecem - ou não assumem - a dominância de sua própria raça. Por outro lado, os saberes dos grupos minorizados seguem resistindo à lógica do apagamento por meio de dinâmicas de comunidade, luta e resistência. Ações populares como o Movimento Negro Educador são essenciais para criar outras referências de conhecimento para a população brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- CACIQUE BABAU, **Retomada**. *in* Terra: Antologia afro-indígena. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora / PISEAGRAMA. 2023
- KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. Palestra. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- GOMES, Nilma. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Lélia Gonzalez: Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.